
“A CIDADE E AS SERRAS”: UMA RELAÇÃO DIALÉTICA ENTRE O HOMEM E O ESPAÇO

“A CIDADE E AS SERRAS”: A DIALECTICAL RELATIONSHIP BETWEEN MAN AND SPACE

Elvis Christian Madureira Ramos¹
Wellington dos Santos Figueiredo²

RESUMO: Este artigo entrelaça Geografia e a Literatura, com a obra de Eça de Queirós, “A Cidade e as Serras”, possibilitando explorar a dialética do Ser e do seu Lugar de vivência. A narrativa permite acompanhar o Ser em suas crenças, ilusões e cosmovisão de mundo, ao mesmo tempo em que se entremesclam o universo existencial do homem, o contexto do seu tempo e de seu entorno. A obra (re)caracteriza a desgastada dicotomia cidade e campo, desfaz mitos pois a cidade e o seu progresso são vistos sob o prisma da exaustão física e psíquica, e a vida no campo é mais que um lugar de escapismo e tradicionalismo, é lugar onde se operam mudanças e renovação do Ser.

Palavras-chave: Geografia; Literatura; Eça de Queirós; Geografia Urbana e Rural; Epistemologia Geográfica.

ABSTRACT: The article relates geography and literature, in this case, the work of Portuguese writer Eça de Queirós “A Cidade e as Serras” highlights the life experience and the existential aspect of man in space in the city, as well as allows you to emphasize other dimensions of the man and geographical environment as memory, feelings, temporariness, expectations and identity. The book breaks down myths and orthodox dichotomies, because the city as a symbol of modernity is also seen as a place of physical and mental exhaustion, and life in the countryside is more than escapism, is also the place of transformation and life projects.

Key words: Geography; Literature; Eça de Queirós; Urban and Rural Geography; Geographical Epistemology.

“A Geografia, como sistema de pensamento e ciência, é produto de uma profunda reflexão filosófica que se desenvolve a partir de crises na história da humanidade, mas acima de tudo é o caminho de construir empiricamente respostas filosóficas e existenciais ao papel do homem como ser-no-mundo e que cujo ato transforma a Terra em Mundo, constrói o espaço e a espacialidade, fundamento ontológico do Ser, fundamento do Tempo.”

Antonio Carlos Vitte

A interface entre Geografia e Literatura

O profícuo encontro entre Geografia e Literatura permite revalorizar e descobrir novas narrativas sobre o sentido de Lugar. É ir além das ações e produções do homem no espaço (do que ele faz), é falar do homem que nele se transforma (o que ele se torna). Pela prosa literária ou poética, o espaço geográfico já não é somente visto como estático ou pano de fundo cujo homem atua soberano. Na obra “A Cidade e as Serras”, de Eça de Queirós, o espaço encarna-se de sentimentos, expectativas, ilusões e identidade.

Esse encontro é também uma oportunidade de tornar explícita a dimensão espacial na Literatura, uma vez que o texto literário está dentro das concepções do chamado pensamento geográfico, isto é, um discurso produzido pela consciência de espacialidade e deve ser considerado não como objetos, mas como sujeitos com os quais os geógrafos podem dialogar (BROSSEAU, 2007b).

¹ Geógrafo. Mestre em Educação para Ciência (UNESP-Bauru). Membro da Diretoria Executiva da Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Local Bauru – SP. Professor efetivo da Rede Pública de Ensino do Estado de São Paulo. E-mail: solelvis@gmail.com.

² Geógrafo. Mestre em Comunicação Midiática (UNESP-Bauru). Membro da Diretoria Executiva da Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Local Bauru – SP. Membro do Comitê Editorial da Revista Ciência Geográfica. Professor da Escola Técnica Estadual Astor de Mattos Carvalho, Cabrália Paulista - SP (Centro Estadual de Educação Tecnológica “Paula Souza” – CEETEPS). E-mail: wellington.figueiredo@uol.com.br.

Segundo Moreira (2004), Normalmente se diz que para entendermos uma obra precisamos contextualizá-la no tempo. Mas não se fala em inseri-la no contexto do espaço. Habitualmente, o espaço fica abstraído da contextualização de uma obra. E, no entanto, a contextualização no tempo só é possível quando a contextualidade no espaço fica estabelecida. Porque não existe tempo fora do espaço, e espaço fora do tempo, uma vez que o real é o espaço temporal. (...)

Quando se diz que é preciso contextualizar um romance no seu espaço-tempo, está se querendo dizer que é preciso que ele seja visto no âmbito da estrutura da sociedade concreta em que se desenrola a trama de vida de seus personagens. (...)

... o espaço é a própria estrutura real da história. (...)

A literatura é uma forma discursiva de geograficidade. Nela, geograficidade é a trama da experimentação de espaço-tempo do personagem grafada na linguagem direta e imediata das significações. (MOREIRA, 2004, p. 187-193)

O estar presente num lugar é mais do que nele morar. Estar num lugar é se fundir com um mundo, uma época e uma trama. O espaço passa a ser o dado integrador entre a Geografia e a Literatura, já que evoca a alma dos lugares e o cotidiano das pessoas. Também é no espaço que os personagens transformam suas existências e produzem suas culturas.

Só podemos entender texto e contexto numa interpretação dialética (CANDIDO, 2000), ou seja, a Geografia não deve explicar o homem pelo contexto ou o contexto pelo homem apenas, mas como ambos se articulam, como estão justapostos no espaço e como transformam esse espaço uma vez que este está em constante modificação (MASSEY, 2008).

Por isso, o espaço é mais do que uma categoria de análise, é a condição básica e indissociável da trama e existência humana. Toda uma trama, um enredo que se desenrola sobre uma cena, tudo que é narrado num romance, acontece e tem lugar num *continuum* espacial mais ou menos definido, “afinal, é o espaço, e não o tempo, que esconde de nós as consequências” (SOJA, 1993, p.116).

Ainda cabe dizer a razão da escolha da obra. Neste caso, a Geografia não é diferente da Filosofia. Muitas obras literárias são uma forma de fazer Filosofia. Platão e Sartre entre outros foram até adiante, pois converteram os dois conhecimentos em um. Também há certas obras da Literatura que são uma genuína forma de refletir a Geografia, além de constituírem uma rica narrativa de lugares e homens. Este é o caso da escolha da obra “A Cidade e as Serras”, de Eça de Queirós. Na obra, a Geografia não é eclipsada pela narração inespacial, como também não é simples complemento ilustrativo à

narrativa, o espaço é inseparável das experiências e da condição humana.

A dicotomia aqui é de dois espaços geográficos: a cidade e o ambiente do interior. Embora estas Geografias, a partir de suas descrições possam ser objeto de fecundas distinções, o que justamente é especial é que são descrições e narrativas que se fazem a partir da experiência humana de Lugar, ou seja, uma reflexão de como existimos nas Geografias. Aqui a Geografia não se sobrepõe ao Ser; ela se torna parte do Ser. Pode-se dizer que as características da cidade e a vida interiorana das serras são exploradas junto com a experiência humana. Assim se abre um horizonte de análise quanto uma antroposfera que envolve esses diferentes lugares em suas próprias pulsações e épocas.

Lugar e espaço vivido

Num sentido mais específico, a obra também permite explorar o conceito de espaço vivido, que é à base de reflexão de Frémont como indica Claval (2006). Tal conceito favorece transitar entre as realidades internas e externas do Ser, o mundo fora de nós e o nosso mundo, aquele mundo que percebemos e experimentamos existencialmente num determinado tempo e lugar. É uma perspectiva que tenta superar aquela Geografia cujos extremos falavam pouco dos homens, e se preocupava mais com formas e funções (CLAVAL, 2002).

O espaço vivido remete à substância sentimental e emotiva de quem vive no lugar e o altera: aquele que sente, percebe, luta, faz planos, enfrenta contingências e até frustrações. Enfim, toda essa massa de sentimentos que juntamente com a razão são convertidas em ação. Esta esfera do mental onde se dá a vontade, impulsos e as ações no espaço (planejadas e/ou espontâneas) devem ser vistas como peça também fundamental no entendimento da relação homem e seu meio.

O espaço em si pode ser primordialmente dado, mas a organização e o sentido do espaço são produtos da translação, da transformação e da experiência sociais. (SOJA, 1993, p. 101)

O livro também valoriza o conceito de lugar, pois falar e usar este conceito implica resgatar o humano na própria Geografia. Segundo Silva (1986), o lugar não é apenas algo que objetivamente se dá, mas algo que é construído pelo sujeito no decorrer de sua experiência. Assim, “o lugar é algo que sugere alegria, ou solidão, ou nostalgia ou tensão”. (SILVA, 1986, p.55). Ou ainda, pode-se definir lugar onde “emerge a vida, posto que aí se dá a unidade da vida social. Cada sujeito se situa num espaço concreto e real onde se reconhece ou se perde, usufrui e modifica, uma vez que o lugar tem usos e sentidos em si” (CARLOS, 1996, p.116-117). O Lugar e o Ser são, assim, inseparáveis na Geografia.

Por último, embora distintas em suas especificidades, tanto o discurso da Geografia quanto da Literatura, refletem narrativas do homem no mundo e/ou em algum lugar do mundo e, para ambas (talvez mais para a Geografia), qualquer

narrativa sem espaço e qualquer explicação do homem sem uma narrativa é uma abstração, não mais do que isto.

O realismo e a obra

O Realismo é uma reação contra o Romantismo: o Romantismo era a apoteose do sentimento; - o Realismo é a anatomia do caráter. É a crítica do homem. É a arte que nos pinta a nossos próprios olhos – para condenar o que houve de mal na nossa sociedade. Eça de Queirós, na Conferência “O Realismo como nova expressão da arte”.

Tanto o autor e sua obra são parte de um grande movimento cultural e estético surgido na França, na segunda metade do século XIX, cuja influência se estendeu em muitos artistas de Língua Portuguesa. Embora sejam muitas e controversas as características dadas a esse movimento, ante ao seu caráter difuso, em parte devido às variações estéticas encontradas em cada uma das manifestações artísticas (teatro, literatura, arquitetura, pintura etc.) e, de outra parte, quanto as singularidades que o movimento adquiriu nos diferentes lugares que aportou.

Ao menos na prosa literária, algumas dessas características são muito salientes, tais como a abordagem de temas sociais, maior preocupação com a densidade psicológica dos personagens, tom mais sóbrio e descritivo da realidade, ou seja, a valorização quanto ao tratamento objetivo da realidade do Ser e do mundo em seu meio. Outro aspecto diferencial é que na Literatura realista não costuma existir heróis: pessoas comuns protagonizam os romances já que os escritores estão preocupados em fixar sua psicologia, mostrando o que há por trás de suas ações ou comportamento.

Um dos expoentes do realismo na Literatura foi José Maria Eça de Queirós (1845-1900), um dos líderes da chamada geração 70, que junto com Antero de Quental entre outros, defendiam a expressão realista nas artes e a maior abertura de Portugal para a modernidade de seu tempo. Eça de Queirós é considerado um dos grandes e imortais escritores da Língua Portuguesa. E o livro que ora analisamos pertence à última fase do autor, também conhecida como pós-realismo. “*A Cidade e as Serras*”³, uma obra-póstuma e publicada em 1901, precisou da revisão de seu amigo Ramalho Ortigão. Retirada do conto “Civilização”, “*A Cidade e as Serras*” tem sido considerada, junto com as obras “*A Ilustre Casa de Ramires*” e “*Correspondência de Fradique Mendes*”, uma trilogia, cujo ponto comum é a crítica ao ambiente social e urbano de Portugal. Em síntese, a obra mostra o desencanto – também do autor - com o ímpeto avassalador da modernidade e a revalorização da vida no interior e com suas formas de vida mais tradicionais.

Na leitura do livro acompanha-se a articulação entre o Ser e o Lugar, os movimentos e o espírito da época, ainda que ficcionais, favorecendo uma visão do cotidiano de uma nascente metrópole moderna em oposição ao ambiente aparentemente não corrompido das “Serras”

no interior de Portugal. Na obra as tensões existenciais, cosmovisões, sentidos e dilemas afloram constantemente e constituem a atmosfera mental do lugar físico.

A obra tem como principal personagem Jacinto que vive em Paris, mas de vínculo familiar e ancestral com Portugal. Na realidade, a obra mostra um ciclo de existências, pois os pais de Jacinto haviam partido de Portugal para Paris e ele, em sua vez, fechará o ciclo retornando à terra de seus pais, num sentido inverso e surpreendente.

Um aspecto especial do livro é a trajetória de Jacinto descrita por seu amigo Zé Fernandes, um recém chegado de Guiães interior de Portugal. Junto do fidalgo Jacinto, vivenciará experiências novas nessa efervescente cidade, pois, Paris é a grande e moderna metrópole do século XIX, conhecida pelo aspecto cosmopolita da época, do progresso técnico e científico de seu período, assim como das tendências artísticas que aí se instalam e daí se irradiam para o mundo.

Também é de Zé Fernandes as descrições do comportamento e aventuras de Jacinto assim como os comentários que às vezes sarcásticos ilustram a atmosfera mental e material que envolve seu fiel amigo e seu entorno. A narrativa se dá em lugares diferentes: na cidade e o ambiente interiorano e/ou serrano de *Tormes* em Portugal. Mas os personagens são os mesmos, o que se opera são as mudanças de visões e de existências diante da realidade, não são apenas as transformações dos lugares.

Progresso, modernidade e cidade

Inicialmente, na obra, o que logo se destaca, é o forte apelo à crença na expansão dos sentidos e felicidade através do progresso científico que alimenta Jacinto. São as últimas décadas do século XIX, e o rápido desenvolvimento industrial e técnico dessa sociedade imprime certo otimismo no futuro, portanto, vivenciar esta atmosfera de novas descobertas era como estar próximo dessa felicidade e ter bons motivos para acreditar num futuro grandioso e sem retorno para a humanidade.

E sob efeito dessa cosmovisão, Jacinto firmemente advoga a fórmula metafísica “suma ciência mais suma potência igual à suma felicidade”. A felicidade é atrelada às conquistas da ciência. Ciência cujos aperfeiçoamentos e invenções podiam potencializar os sentidos humanos. Por isso a felicidade é expandir os sentidos e encontrar realidades que o “[...] incivilizado [...] não suspeita e de que está privado” (p. 20). A ideia da extensão dos sentidos pelos novos avanços trará, enfim, a felicidade humana de poder alcançar sua liberdade da natureza, descobrir um mundo além das suas limitações naturais.

Por sua vez, o livro também mostra o encantamento de Jacinto com a ideia de civilização, mais próxima do sentido de *urbe* romana, pois a civilização em seu progresso e modernidade tem como lugar de concretude, o espaço da cidade, é onde se alcança as grandes realizações humanas. Estar e viver em Paris era como estar no centro pungente da civilização, onde os homens exploram suas máximas

capacidades, enfim a Geografia do progresso material e da vanguarda. Espaço das descobertas e invenções que impulsionam o homem para a felicidade.

A cidade de Paris é a cidade-mundo, a cidade que agrega sociedades científicas, místicas, culturais e políticas, entrelaçando as mais progressistas, excêntricas e variadas correntes de ideias, captando todo pensamento de vanguarda da época. Isso é muito significativo, pois o espaço urbano vai além da sede do poder, das revoltas sociais, dos intelectuais, dos comércios e do industrialismo, são tudo isso sim, mas também o lugar onde se pode elevar o espírito humano para além das suas limitações naturais. Ela é em si a civilização da plena realização e capacidade humana, onde o esforço humano realiza supremas e prodigiosas obras.

Zé Fernandes, o recém-chegado do interior, se curva ante esta civilização, uma civilização que de alguma forma promete tornar mais felizes e plenamente satisfeitas à vida das pessoas, contrariamente, aquele mundo das formas e tradições arcaicas e, como cogita, num dado momento para si mesmo, suplantar finalmente aquela “rudeza e o atolado atraso da minha Guiães”. E crê, que na companhia de seu amigo Jacinto, poderá ser iniciado aos “poderes da civilização” (p. 36).

A desconstrução de otimismo

Contudo, o encanto não é duradouro, Zé Fernandes embora em parte seduzido pela engenhosidade e inventividade do espírito humano em relação aos avanços da civilização, também elabora contraposições a essa espécie de novo hedonismo e metafísica do progresso, como no episódio em que Jacinto com um binóculo pretende demonstrar como o sentido da visão pode ser potencializado pelas suas lentes, ele cogitará mais tarde, sobre qual vantagem espiritual de “distinguir através do espaço manchas num astro, ou [...] presuntos numa vidraça” (p. 20). O progresso talvez não dê conta de todas as necessidades genuinamente humanas.

E com o vagar do tempo, Zé Fernandes também vai observando o preço desse progresso, já que cada vez mais seu amigo torna-se enfraquecido e atolado por obrigações e o tumulto incessante da cidade, assim também, pelo cotidiano insensível e repetitivo.

É a exaustão da metrópole com seus congestionamentos, excesso de gentes, a necessidade de idas e vindas e os constantes compromissos exercem um esgotamento vital que atinge não apenas Jacinto, mas é, de certo modo, compartilhado por outros milhares de pessoas que vivem na metrópole, imersos e agrilhoados pelas demandas e desafios que os sufocam.

Os fluxos, as movimentações, os barulhos dissonantes, o apressamento que não cessa. É o ritmo da metrópole que aflige Jacinto. É o estresse da cidade e da modernidade, a inadaptação, o sentimento de impotência e angústia diante de um espaço geográfico marcado pela esmagadora densidade humana e material, pelo emaranhado cada vez mais denso de fluxos e ritmos, da

qual não se enxerga fim ou regressão a um estado mais primário, menos intenso e rápido.

Assim, a visão otimista sobre o progresso humano vai sendo corroído diante da rudeza das operações e ações que se desdobram na metrópole, são afazeres domésticos, sociais, culturais quase compulsórios que brotam a cada movimento e extraem a vitalidade humana.

Ainda que Jacinto se apegue a sensação de pertencer a uma elite superior, destinada a engrandecer a ideia de progresso e, por isso, jactancioso pelas modernidades científicas do seu tempo, também gradualmente vai se despertando para o fato de estar sucumbindo diante das atribulações do dia a dia, como o que Zé Fernandes observa na seguinte passagem

Com espanto (mesmo com dor, porque sou bom, e sempre me entristece o desmoronar de uma crença) descobri eu, na primeira tarde em que descemos aos *boulevards*, que o denso formigueiro humano sobre o asfalto, e a torrente sombria dos trens sobre o macadame, afligiam o meu amigo pela brutalidade de sua pressa, do seu egoísmo, e do seu estridor. (QUEIRÓS, 2007, p.38)

A cidade de Paris do final do século XIX é o novo modelo de cidade, cuja lógica foi transmitida ao presente. A cidade, se foi algum dia, a Geografia dos tempos lentos e da contemplação, já a partir daí não será mais, transforma-se na Geografia dos tempos rápidos, das constantes mudanças e não raro do aniquilamento mental e vital de muitos homens e mulheres, a cidade torna-se maior que o próprio Ser.

Materialidade da cidade

Além dos fluxos há o que se dizer dos fixos, isto é, a materialidade da metrópole, que esconde e empareda os homens, é uma das faces mórbidas da modernidade deste cenário de início de século XIX, pessoas sujeitas a uma vida penosa e monocromática, a descrição a seguir de Zé Fernandes é uma percepção bastante vivida desta situação:

Nessa mesma tarde, se bem recordo, sob uma luz macia e fina, penetramos nos centros de Paris, nas ruas longas, nas milhas de casario, toda de argamassa parda, erigido de chaminés de lata negra, com janelas sempre fechadas, as cortinhas sempre corridas, abafando, escondendo a vida. Só tijolo, só ferro, só argamassa, só estuque: linhas hirtas, ângulos ásperos: tudo seco, tudo rígido. E dos chãos aos telhados, por toda a fachada, tapando as varandas, comendo os muros, tabuletas, tabuletas [...]. (QUEIRÓS, 2007, p. 42)

Esta racionalidade espacial é novamente criticada por Zé Fernandes, a sua visão de contraposição, é carregada de outras experiências, ou seja, de quem viveu no ambiente das acolhedoras e amplos espaços das Serras, mas que se mostra perplexo diante dos espaços reduzidos e superconcentrados de pessoas:

E, mais para sondar o meu Príncipe, do que persuasão, insisti na fealdade e tristeza destes prédios, duros armazéns, cujos andares são prateleiras onde se apinha humanidade! E uma humanidade impiedosamente catalogada e arrumada! (QUEIRÓS, 2007, p.42)

A cidade como lugar das inovações, do pensamento de vanguarda e como irradiadora das mudanças também é o lugar da fealdade e da rigidez das paisagens concretas. O trecho “[...] uma humanidade impiedosamente catalogada e arrumada!” soa através de Zé Fernandes, como uma dura realidade, ou seja, uma sociedade que trocou a plena liberdade do campo e dos amplos espaços, pela claustrofobia urbana e a disciplina reta e monumental da modernidade.

Não tão diferentemente, muitas metrópoles e cidades deste começo de século XXI conservam em sua Geografia a mesma claustrofobia, emparelamento e rigidez da arquitetura (prédios, viadutos, muros e/ou fortaleza urbanas, condomínios etc.). A fealdade que se enxerga na monotonia das casas, do ar impregnado de mau cheiro, da sujeira e do confinamento do homem nos espaços, ainda existem e persistem, algumas vezes disfarçadas, em outras marginalizadas e, mesmo, a espontaneidade, com seus arranjos informais e tom caótico, não deixa de constituir uma certa arrumação, só que intencional e inescrupulosamente excludente, a cidade conserva o lugares dos ricos e dos pobres, está ainda é umas características do urbano neste século.

Encontra-se em Paris a presença pontual da primeira e sonhada natureza, mas é fragmentada, nos ocasionais passeios pelos bosques, pela Avenida dos Campos Elíseos, ou nos simples encontros com a relva e arvoredos da metrópole. Jacinto e Zé Fernandes encontram finalmente o silêncio e a renovação de suas vitalidades. É como se a própria metrópole precisasse de refugio dela própria. Os parques das grandes metrópoles, seja a Paris deste período que se refere à obra, assim como, os grandes parques das metrópoles atuais como em São Paulo, Nova Iorque e mesmo algumas metrópoles europeias, são lugares para finais de semana, da fuga do trabalho, algumas vezes exprimidos entre arranha-céus e grandes avenidas movimentadas, de modo, que o tempo para a contemplação, convívio social e o prazer não é a regra da cidade, e quando isso se faz, é como uma brevidade, aproveitados nos intervalos do trabalho.

Há uma Geografia que tem se preocupado muito com os aspectos do urbano, no caso das metrópoles, suas metamorfoses são questionadas, sua multiculturalidade, cosmopolitização, economia, enfim toda sua pulsação espacial é pensada. Por outro lado, pensa-se pouco em como tudo isto é mantido à custa do esgotamento, da exaustão física e psíquica das pessoas, a cidade realmente se renova, mas é o ser quem se esgota, o espaço é pensando, mas desvinculado de quem sente a cidade.

O ver a cidade e a exploração

Uma parte interessante da obra é quando Jacinto e Zé Fernandes ao caminharem para os arredores da cidade sobem um terraço e dessa topografia tem a chance de contemplar a cidade por outro viés, é uma visão do todo e assim notam Sob o céu cinzento, na planície cinzenta, a cidade jazia, toda cinzenta, como uma vasta e grossa camada de calça e telha. E, na sua imobilidade e na sua mudez, algum rolo de fumo, mais tênue e ralo que o fumar de um escombros mal apagado, era todo o vestígio visível da sua magnífica. (QUEIRÓS, 2007, p 84)

Mais adiante, Zé Fernandes continua a se referir à cidade para o seu amigo

Então zombei risonhamente o meu Príncipe. Aí estava, pois, a Cidade, augusta criação da humanidade! Ei-la aí, belo Jacinto. Sobre a crosta da Terra – uma camada de calça, apenas mais cinzenta! No entanto ainda momentos antes a deixáramos prodigiosamente viva cheia de um povo forte, com todos os seus poderosos órgãos funcionando, abarrotada riqueza, resplandecente da sapiência, na triunfal plenitude do seu orgulho, como rainha do mundo coroada de graça. E agora eu e o belo Jacinto trepávamos a uma colina, espreitávamos, escutávamos – e de toda e estridente e radiante civilização da cidade não percebíamos nem um rumor nem um lampejo!(...) Onde estão os teus armazéns servidos por três mil caixeiros? E os bancos em que retine o ouro universal? E as bibliotecas com o saber dos séculos? Tudo se fundiu numa nódoa parda que suja a Terra [...]. (QUEIRÓS, 2007, p.84-85)

A cidade olhada à distância constitui uma grande mancha antrópica na superfície terrestre. Ali acontece, além da sedimentação material, outro tipo de sedimentação, ainda que vinculada aquela massa de concreto e fumaça, o que se deposita e todo o trabalho de milhares de pessoas, na cidade se ofusca o céu e o destino, mas dessa topografia se vê o horizonte.

É uma perspectiva relativizada à escala humana, pois na cidade o homem é pensado na escala da cidade, de seu ritmo e sua dinâmica uma escala em que ela passa a ser vista numa dimensão panorâmica, porém não menos real, a cidade é questionada perante o Ser. Esta “visão do alto do terraço” é para Zé Fernandes uma maneira de escapar a sua sujeição, de sua rotina, ruídos, alternâncias, enfim seu movimento e seus labirintos. Tanto ele como Jacinto podem redimensionar a importância da cidade para suas vidas e o quanto viver nela poder ser algo vão ou loucura.

Mas do alto do terraço também se observa o lado perverso da cidade, pois, a fatura de Jacinto também implica a exploração da vida, a divisão de classes é exposta na obra de Eça de Queirós e, na prática, constitui-se no sacrifício de muitos cujo trabalho é convertido no bem-

estar material de poucos. Zé Fernandes não está imune a sua condição econômica e social, ele identifica na cidade que o gozo da modernidade e das satisfações materiais e sofisticadas que tanto ele como Jacinto experimentam, é um espaço construído sobre a exploração e marginalização, de grande massa de pessoas que compõe esse tecido urbano e é graças ao labor dessa gente que a abundância da cidade se edifica

E se ao menos essa ilusão da cidade tornasse feliz a totalidade dos seres que a mantêm [...] Mas não! Só uma estreita e reluzente casta goza na cidade os gozos especiais que ela cria. O resto, a escura, imensa plebe, só nela sofre, e com sofrimentos especiais que só nela existem [...] (QUEIRÓS, 2007, p. 87)

São os esforços daquela grande multidão que sustentam a opulência da paisagem e os privilégios de uma minoria. O progresso e o bem-estar sempre exaltados por Jacinto e seus amigos na cidade revelam-se para Zé Fernandes como imoral e perverso, é um sistema desigual! O progresso e riqueza cobram um preço alto, o sustento de gente como Jacinto dependem do sacrifício e exploração, tanto que sua fala para Jacinto não escondem a revolta e a decepção: “Mas quê, meu Jacinto! A tua civilização reclama insaciavelmente regalos e pompas, que só obterá, nesta amarga desarmonia social, se o capital der ao trabalho por cada arquejante esforço, uma migalha ratinhada” (p. 88). Se há ilusão da cidade como espaço da felicidade humana através do progresso, o que dizer da maioria que nem mesmo tem direito a essa ilusão, a sua dura luta pela sobrevivência e marginalização parece ser mais um tipo de nova servidão humana.

A crítica dessa injustiça social em “A Cidade e as Serras”, tal como aparece nos comentários de Zé Fernandes, ataca esse progresso e modernidade que supõe o conforto, ampliação dos sentidos e felicidade humana, mas que se sustenta a partir das desiguais e exploratórias relações de trabalho, capital e *status*. Eça de Queirós, em sua obra, mostra a indiferença burguesa diante das massas de operários e trabalhadores que sustentam a composição material e mental da cidade, essa exploração e a condição de vida miserável da grande maioria é também friamente naturalizada, a cidade é o lugar do progresso material e, como tal, os sacrifícios são parte desta realidade.

Há mãos regeladas que se estendem, e beijos sumidos que agradecem o dom magnânimo de um *sou*⁵ - para Efrains tenham dez milhões no Banco de França, se aqueçam à chama rica da lenha aromática, e surtam de colares de safiras as suas concubinas, netas dos duques de Atenas. E um povo chora de fome dos seus pequeninos - para que os jacintos, em janeiro, debiquem⁶, bocejando, sobre pratos de saxe, morangos gelados em *champagne* e avivados de um fio de éter!

- Eu comi dos teus morangos, Jacinto! Miseráveis, tu e eu!

Ele murmurou, desolado:

- É horrível, comemos desses morangos... E talvez

por uma ilusão!

[...] O burguês triunfa, muito forte, todo endurecido no pecado - e contra ele são impotentes os prantos dos humanitários, os raciocínios lógicos, as bombas anarquistas [...] (QUEIRÓS, 2007, p. 89)

A cidade é o lugar dos mundos paralelos, coabitam diferentes segmentos sociais em seu espaço, mas é possível divisar sinteticamente uma nítida dualidade presente nesse espaço; uma elite econômica e política, englobando desde fidalgos “Jacintos” aos novos ricos da sociedade urbano-industrial e, do outro lado, as multidões, ou seja, os grandes contingentes de operários, imigrantes, desafortunados e a pequena burguesia.

Vale lembrar que essa desigualdade se faz de modo espacial, a cidade de Paris que Eça de Queirós descreve, havia sido submetida a drásticas reformas urbanas entre 1853 e 1870, tendo como meta a modernização do plano urbano da cidade. Assim, as estreitezas e tortuosidades das ruas foram corrigidas para largos e grandes bulevares, para favorecer a circulação e transporte, ou seja, a busca da máxima eficiência e racionalidade espacial. Por sua vez, a massa da população pobre que vivia no centro fora transferida e marginalizada em regiões periféricas.

O esgotamento

Apesar do espaço cosmopolita, a cidade como um nó de encontro de visões, formas e culturas, como retrata a obra, está impregnada pela unidirecional via do progresso inexorável, ideia germinada no Iluminismo, desde Condorcet⁷, e que chega ao pensamento positivista, uma nova etapa da história humana, da racionalidade científica e o fim dos dogmas antigos e arcaicos.

Um projeto que consistia na realização da sociedade harmônica, funcionalmente ajustada no avanço e superação das mentalidades arcaicas e obscurantistas, e também do individualismo, a razão é agora científica e o desenvolvimento técnico algo irreversível. Porém, essa foi a cilada que Jacinto foi pego, essa cidade e os avanços técnicos que cristalizavam essa nova civilização, na realidade, sustentava-se pelo desgaste e esgotamento das forças físicas e psíquicas do homem. Eram esforços direcionados para um projeto, mas não para o Ser.

É isto que o sociólogo Émile Durkheim⁸, observou sobre as transformações sociais da nova sociedade urbana que nascia na transição do século XIX para o XX, ou seja, que “o homem não se sente necessariamente mais feliz com sua sorte nas sociedades modernas” (ARON, 2008, p. 474). As informações e aumentos de suicídios mostravam mais que um problema psicológico, mas que algo andava errado com a organização social da vida coletiva implicando diretamente na maneira como as pessoas viam a si mesmas.

Na turba dos humanos é a angustiada luta pelo pão, pelo teto, pelo lume; numa casta, agitada por necessidades mais altas, é a amargura das desilusões, o mal da imaginação insatisfeita, o orgulho chocado

contra o obstáculo; nele, que tinha os bens todos e desejo nenhuns, era o tédio. Miséria do corpo, tormento da vontade, fastio da inteligência – eis a vida! (QUEIRÓS, 2007, p. 103)

A “desarmonia social” conceito mostrado na obra e que Zé Fernandes usa a respeito da injustiça na cidade, remete as categorias de análises durkheimianas, é decerto a antítese da harmonia social, a concepção da cidade como uma aparente unidade de entrelaçado esforços e certa solidariedade, mas é o espaço da “ batalha desesperada pelo pão, ou pela fama, ou pelo poder, ou pelo gozo”, portanto, contraposto a uma concepção harmônica e a ideia de um espaço “verdadeiramente” humano como apontou Santos (2009)

Devemos nos preparar para estabelecer os alicerces de um espaço verdadeiramente humano, de um espaço que possa unir os homens para e por seu trabalho, mas não para em seguida dividi-lo em classes, em exploradores e explorados; um espaço matéria-inerte que seja trabalhada pelo homem mas não se volte contra ele, um espaço social aberto a contemplação direta dos seres humanos, e não um fetiche; um espaço instrumento de reprodução da vida, e não uma mercadoria trabalhada por outra mercadoria, o homem fetichizado. (SANTOS, 2009, p.91)

O filósofo Walter Benjamin também compreendia que as cidades do século XIX “ao lançar seu habitante numa série de rápidas e novas situações, ameaça-lhe a capacidade de transformar vivência em experiência, criando assim um ser condenado à repetição” (MENEZES, 2004, p.18).

A cidade cansa o espírito, a torrente de atrativos da cidade não pode por si mesma causar a felicidade nos homens, o progresso nessa versão era ilusão. Assim se vai convalescendo o agora pálido e corcunda Jacinto. Paradoxalmente a fartura de bens, de vida social e de progresso é o motivo de seu adoecimento

Jacinto anda tão murcho, tão corcunda... Que será, Grilo? O venerado preto declarou com uma certeza imensa: - S. Ex.^a sofre de fartura. Era fartura! O meu Príncipe sentia abafadamente a fartura de Paris; e na cidade, na simbólica Cidade, fora de cuja vida culta e forte (como ele outrora gritava, iluminado) o homem do século XIX nunca poderia saborear plenamente a “delícia de viver”, ele não encontrava agora forma de vida, espiritual ou social, que o interessasse, lhe valesse o esforço de uma corrida curta numa tipóia fácil. (QUEIRÓS, 2007, p.80)

As cidades de dinâmicas, de incessantes de construção e reconstrução, das contínuas demandas, tornar as pessoas ocupadas de tantos afazeres e os cercam de tantos obstáculos, que não há espaço e nem tempo de interioridade e contemplação. A verdadeira realidade urbana é a ação, manter-se atento e ocupado com as coisas

da cidade, mas não com as coisas do Ser. Qualquer tentativa de interiorização e exploração dos sentimentos nada mais é que modo fugazes de sair da verdadeira “realidade”. Zé Fernandes desenvolve essa clara e aguda observação

Cada manhã [...] impõe uma necessidade, e cada necessidade o arremessa para dependência; pobre e subalterno, a sua vida é um constante solicitar, adular, vergar, rastejar, aturar; rico e superior como um Jacinto, a sociedade logo o enreda em tradições, preceitos, etiquetas, cerimônias, praxes, ritos, serviços mais disciplinares que os de um cárcere ou de um quartel [...] Onde está meu Jacinto? Sumida para sempre, nessa batalha desesperada pelo pão, ou pela fama, ou pelo poder, ou pelo gozo [...] Alegria como haverá para esses milhões de seres que tumultuam na arquejante ocupação de desejar – e que, nunca fartando o desejo, incessantemente padecem de desilusão, desesperança e derrota? Os sentimentos mais genuinamente humanos logo na cidade se desumanizam! [...] (QUEIRÓS, 2007, p. 46)

Participar desse mundo ágil e veloz, que não tem tempo para as singularidades de cada ente humano, assim é a vida do homem que se adapta ao ritmo dessa entidade antrópica que ele próprio criou. Cada ação ou movimento nesse espaço da cidade constitui sucessivas demandas, que por sua vez custam novas operações, novos horários, novas iniciativas e a cada movimento constitui um desgaste físico e psíquico, essa velocidade e constante agir eclipsam a visão de sentido de vida do homem.

Assim, a crítica da cidade na obra, repousa na sua capacidade de exaustão do homem. A cidade não dá opções à renovação para Jacinto, mas ao contrario, ela extrai toda sua vitalidade. É uma dinâmica previsivelmente compassada, seja nas obrigações ou frivolidades, tudo é cansaço. A monotonia do dia a dia faz adoecer, porque esmigalham os sentimentos, o encantamento e as almas ficam cinzentos.

Talvez a maior crítica a cidade feita na obra esteja nessa passagem, “... pensa todos os pensamentos já pensados, só exprime todas as expressões já exprimidas” e no que resume em definitivo Jacinto: “- Sim, com efeito, a Cidade [...] É talvez uma ilusão perversa”, equivale a dizer que apesar do ar de renovação e das marcas do moderno, a cidade com sua repetição e hiperdensidade, extrai do homem sua originalidade e autenticidade.

A visão de Eça de Queirós, ao menos através desta obra, é de pessimismo quanto a esse tipo de civilização. Não acredita que seja possível nem acomodação ou mesmo ruptura. A visão de Eça de Queirós é de retorno a outro espaço e mentalidade, nessa cidade “sofrer é inseparável de viver” (p. 103). Tais progressos e modernidades não são capazes de alimentar continuamente o espírito do homem, de torná-lo feliz e realizado, é hora de novos ares, é a hora da rebelião do Ser para com a cidade.

Uma nova dialética cidade e campo

A explicação do espaço não se faz sem as técnicas. Elas estão impressas nas paisagens e no ritmo das pessoas. O mundo interiorano sofria transformações técnicas, como sempre sofreu ao longo dos períodos históricos, mas é o espaço das mudanças mais lentas, que abrigam outros tipos de técnicas, valores, comportamentos e ideias, é um novo choque para Jacinto, acostumado à sofisticação, mas que agora encontra a rudeza e a escassez.

Ao viajar para o campo como forma de rebelião e escapismo para as chamadas “Serras” Jacinto experimenta novas sensações. Nessa parte da obra, Jacinto experimenta uma nova alternativa de vida, o espaço da cidade onde um Jacinto *blasé* sucumbe às repetições do cotidiano, encontra agora, o espaço do interior, da tranquilidade, de novos odores e dos espaços amplos. Na cidade a natureza primeira é fragmentada, tolhida e arrumada, é posta como forma de escape e breve recolhimento, a visão dos elementos da paisagem são sempre passageiras já no espaço das serras é o mundo da contemplação, da sensibilidade e dos elementos e ritmos naturais.

Enfatiza-se na obra a ideia da cidade como um espaço que se opõe ao próprio homem: “nesta criação tão anti-natural onde solo é de pau e feltro e alcatrão [...] o homem aparece como uma criatura anti-humana sem beleza, sem força, sem liberdade, sem riso, sem sentimento[...]” (p. 87). O relato de Zé Fernandes ganha o contorno nítido de oposição, pois na cidade o homem deixa de ter alguma comunhão com o natural. A cidade é o espaço onde esta comunhão se apaga.

Se é contumaz em Geografia o foco nas relações e interdependências produtivas entre os dois espaços, ou seja, uma preocupação mais com as formas e ações, porém o que se nota neste tipo de narrativa, é que os espaços são vistos mais através das vivências e sensações. Nesse sentido, Jacinto descobre que seu encanto com o progresso e as maravilhas da modernidade na cidade, também encontram paralelo no mundo natural.

Isto porque, apesar de constituir-se em outra atmosfera e espaço, não deixa de ser menos interessante que a cidade quanto à transitoriedade. Sua percepção capta, também, constante mutação, as paisagens se alteram de maneira incessante, também há mudanças no campo, as folhas, as relvas, as plantações, cada instante é em si alteridade. Essa alteridade do campo também conquista formas belas e complexas “a vida é essencialmente vontade e movimento; e naquele pedaço de terra, plantado de milho, vai todo um mundo de impulsos, de forças que se revelam, e que atingem a sua expressão suprema, que é a forma” (p. 155).

Na leitura da obra percebe-se que o encanto que Jacinto adquire com o espaço interiorano vai além do sossego e descanso, mas o reencontro com a vitalidade humana, não é a Geografia apenas das belas paisagens, mas da comunidade pequena, dos ciclos na natureza, das mudanças e transformações que são sentidas e que não estão sob seu controle, mas que podem ser contempladas.

Também surgem novas emoções, como o sentimento de apego familiar das tradições, reencontra as raízes dos seus antepassados. Além disso, novas amizades e até mesmo um amor. O espaço se religa ao homem e o homem se religa ao espaço, há então novo sentido e um renascimento de Jacinto.

Contudo, uma dialética surge, pois Jacinto reelabora com nova sede e vontade a transformação do espaço natural. Agora ele é o agente da modernidade do campo. Então se entrega a empreitada de reativar a produção do campo, assumir o controle de suas posses. Neste novo projeto Jacinto redescobre sua motivação, traz para o campo o mundo moderno como a instalação de uma rede elétrica em suas terras.

Também descobre o lado menos belo das serras, muitas das pessoas que trabalham em sua propriedade passam fome e carecem de cuidados médicos. Choca-se com desigualdade e pobreza humana, a miséria e a fome se contrasta novamente com a fartura. Por isso a obra não pode ser vista como oposição entre dois espaços, mas de uma dialética, o que está em jogo é um modo de vida e de experienciar o espaço, mas tanto cidade e interior guardam seus efeitos deletérios.

Como já foi adiantado, perpassa na obra um ciclo migratório renovador, se os pais de Jacinto foram do interior para a cidade será a vez de Jacinto o portador da modernidade retornar ao interior, há assim uma espécie de dialética geográfica. O Ser como elo e agente de transformações de lugares e si mesmo, o que não difere das ocorrências migratórias factuais de muitos lugares onde este fenômeno é particular, os homens não apenas se movem no espaço eles semeiam a cultura e as transformações por onde se movem, e nesse processo, estão também se alterando como Ser.

Jacinto é um migrante que carrega consigo sua vivência da cidade, o espaço das Serras que agora é seu espaço de moradia sofre transformações e desencadeia inovações que chegam as Serras. Desse modo, Jacinto carrega o homem da cidade que se transforma no campo, isso faz dele um elo entre dois espaços e dois tempos.

Conclusão

Este artigo buscou mostrar que a Geografia também pode refletir sobre geografias grafadas na Literatura, pois, oferecem janelas para se olhar e refletir sobre como os homens entendem e se sentem nos espaços por eles criados. Procurou-se valorizar o debate sobre as diferenciações dos lugares e de como vivemos nesses espaços, mas usando como base uma obra que representa um tempo e um espaço localizados no final do século XIX, e que constitui uma ponte entre o passado e presente.

A obra analisada levanta muitos problemas e dilemas sobre as maneiras de se viver nas cidades e na sua relação com seus contextos de época. Embora referente a um passado distante, trata de espaços e problemas urbanos que ainda são vigentes. O tempo se dilatou, mas o espaço persiste. Ainda enfrentamos certos dilemas

(viver na confusa cidade ou no ritmo menos acelerado do interior) por trás das formas e materialidades sempre novas e atualizadas, a mente e os problemas existenciais ainda parecem semelhantes.

Em última instância, a análise da obra visa mostrar que existência humana não pode ser sempre redutível ao tempo, pode-se dizer que a existência humana se molda também no contexto dos espaços e das transformações que ocorrem nele. A mentalidade de Jacinto da cidade não é a mesma do Jacinto que vai se transformando no espaço das Serras. Como se tentou destacar, a Geografia e o Ser se alteram mutuamente.

As velhas dicotomias certinhas de campo e cidade podem ser renovadas, pois um ponto importante da obra é que ambos os lugares se entremesclam, a modernidade alcança as serras e as serras alcançam a cidade através dos espaços de contemplação. Ao fugir de um prisma habitual, a questão do progresso humano também se torna discutível, além disso, as noções de temporalidade e transitoriedades das coisas no contexto do espaço podem ser salientadas nessa obra e, finalmente, se levanta a questão existencial quanto ao próprio sentido da vida que se faz real no contexto de espaço onde vivem as pessoas e que é *per si*, fundamento ontológico do Ser.

O tema Geografia e Literatura podem ser transpostos para o enredo de ensino de Geografia. Podem ser explorados vários assuntos, no caso das “As Cidades e as Serras”, o nascimento do espaço urbano moderno, as contradições do homem e as diferenciações espaciais podem ser entrecruzadas sem ficar de modo estanque e compartimentados como se verifica em muitas obras puramente didáticas.

Contudo, uma pergunta nesta consideração final deve ser respondida, o que a Literatura pode ensinar à Geografia? Como dissemos logo no começo deste artigo, parece carecer de sentido que a Geografia reflita o homem sem alguma narrativa. O que a Literatura pode ensinar à Geografia é que não podemos desprezar um mundo de ricas e exuberantes experiências existenciais, porque estas experiências são a matéria mental e emotiva por trás das intencionalidades e ações no espaço e, tais experiências têm seu traço dialético com o meio, pois isso que o torna substantivamente geográfico, pois enquanto ajudam a moldar o mundo também moldam a si mesmas.

Notas

3 – Para este artigo pesquisou-se a edição da editora Martin Claret. Nesta edição aparecem boas informações adicionais em notas, sobre costumes e objetos da época, existem, também, notas sobre autores e pensadores que foram aludidos por Eça Queirós na obra o que oferece valioso contexto histórico.

4 – Ter que regatear muito para conseguir alguns trocados ou remuneração.

5 – Moeda que representa vigésima parte da antiga libra francesa, apenas poucos trocados.

6 – Comer pouco ou bem pouca refeição.

7 – Marques de Condorcet fez parte do movimento dos enciclopedistas e defendia que a valorização da civilização poderia levar ao desaparecimento das desigualdades entre as nações, assim como o aperfeiçoamento do homem. Sua obra *Tableau historique des progrès de l'esprit humain*, escrita em 1793 exalta de forma geral o progresso histórico da humanidade.

8 – Desarmonia social e a busca por uma ideia da coesão social aparecem em Émile Durkheim nas obras *Suicídio* (1897) e da *Divisão Social do Trabalho*, ambas comentadas em Aron (2008).

Referências

- ARON. R. **As etapas do pensamento sociológico**. Trad. Sérgio Bath. Martins Fontes, 7. ed, São Paulo, 2008.
- BROSSEAU, M. & CAMBRON M. Entre géographie et littérature: frontières et perspectives dialogiques. **Recherches sociographiques**. vol. 44, n. 3, p. 525-547. 2003.
- BROSSEAU, Marc. Geografia e literatura. In: CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007a, p. 17-77.
- _____. O romance: outro sujeito para a geografia. In: CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007b, p. 79-121.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Publifolha, 2000.
- CARLOS, Ana. **O lugar no/do mundo**. Edusp/Hucitec, São Paulo, 1996.
- CLAVAL, Paul. **História da Geografia**. Trad. José Braga Costa. Lisboa: Edições 70, 2006.
- _____. In Mendonça F. e Kozel, S. **A revolução pós-funcionalista e as concepções atuais em geografia**. Editora UFPR: p. 11-43.
- MENEZES. M. Um Flâneur Perdido na Metrópole do século XIX: História e Literatura em Baudelaire. **Tese de Doutorado**, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.
- MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- MOREIRA, Ruy. Ser-tões: o universal e o regionalismo de Graciliano Ramos, Mário de Andrade e Guimarães Rosa (Um ensaio sobre a geograficidade do espaço brasileiro). In: **Revista Ciência Geográfica**, Ano X – Vol. X, n.º 03 – Bauru – SP, AGB-Bauru, setembro/dezembro de 2004, pp. 186-194.
- _____. **Pensar e ser em geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico**. São Paulo: Editora Contexto, 2007.
- QUEIRÓS, Eça. **As Cidades e as Serras**. Martin Claret. São Paulo, 2007.
- SANTOS, Milton. **Pensando o Espaço do Homem**. Edusp, 5. ed. São Paulo, 2009.
- SILVA, A. Fenomenologia e Geografia. **Revista Orientação**, n. 7. p. 53-56, 1986.
- SOJA, E. **Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica**. Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1993.